

EDUCADOR EDUCANDO EDUCADOR

Por Estela Márcia Scandola

*“E, esta será a vossa maldição,
vós que sois imaculados, vós, percebedores puros:
nunca dareis a luz,
ainda que estejais gordos e grávidos no horizonte.”*
FRIEDRICH NIETZCHE
(apud Alves , 1992: 26)

No início, quando somos convidados para uma capacitação ou formação de educadores, começamos a levantar as expectativas dos grupos e é comum percebermos que a demanda destes gira em torno de buscar “*dicas*” de como resolver seus problemas – uma receita precisa. Na verdade, uma grande parte sente-se insegura diante dos desafios do exercício educativo e quer *ensinamentos*, ou às vezes, quer uma *autoridade superior* para resolver os seus problemas ou do seu grupo. Por outro lado, também os facilitadores/educadores têm uma lista de experiências que foram coletando ao longo de sua vivência educativa. Balancear essas duas ansiedades talvez seja o exercício mais difícil. No entanto, será neste jogo de interesses que avançaremos na proposta da construção coletiva de um novo conhecimento-ação.

Esse processo de construção coletiva que estamos propondo, na certa acarretará muita insegurança tanto nos participantes das oficinas quanto nos monitores. A construção do conhecimento é como jogar-se num futuro que não está desenhado, mas cujo pincel está em nossas mãos. No entanto, sabemos também que há milhares de outras mãos com outros pincéis, mas muitos deles nem sabem para quê serve o objeto que estão portando. Não é possível ter certeza de como a história irá caminhar.

“ A evolução não obedece nem a leis, nem a um determinismo preponderante. A evolução não é mecânica nem linear. (...) A dialética não caminha sobre os pés nem sobre a cabeça, gira, porque é antes de mais nada jogo de inter-retroações, ou seja, círculo em movimento perpétuo.”(Edgar Morin, 1981: 236)

O processo de educação acontece quando há a construção de alguma coisa, e é a dinâmica da vida dos grupos sociais e de cada um em particular que vai identificando os limites da produção de cada um. O domínio da produção é a meta da cidadania. Quando há a descoberta do poder fazer, do poder produzir, então há um salto da auto-estima. Essa auto-estima é a mola propulsora da consciência do poder. Poder fazer coisas. Poder não ser dominado, poder ter autonomia no agir, no pensar, no sentir...

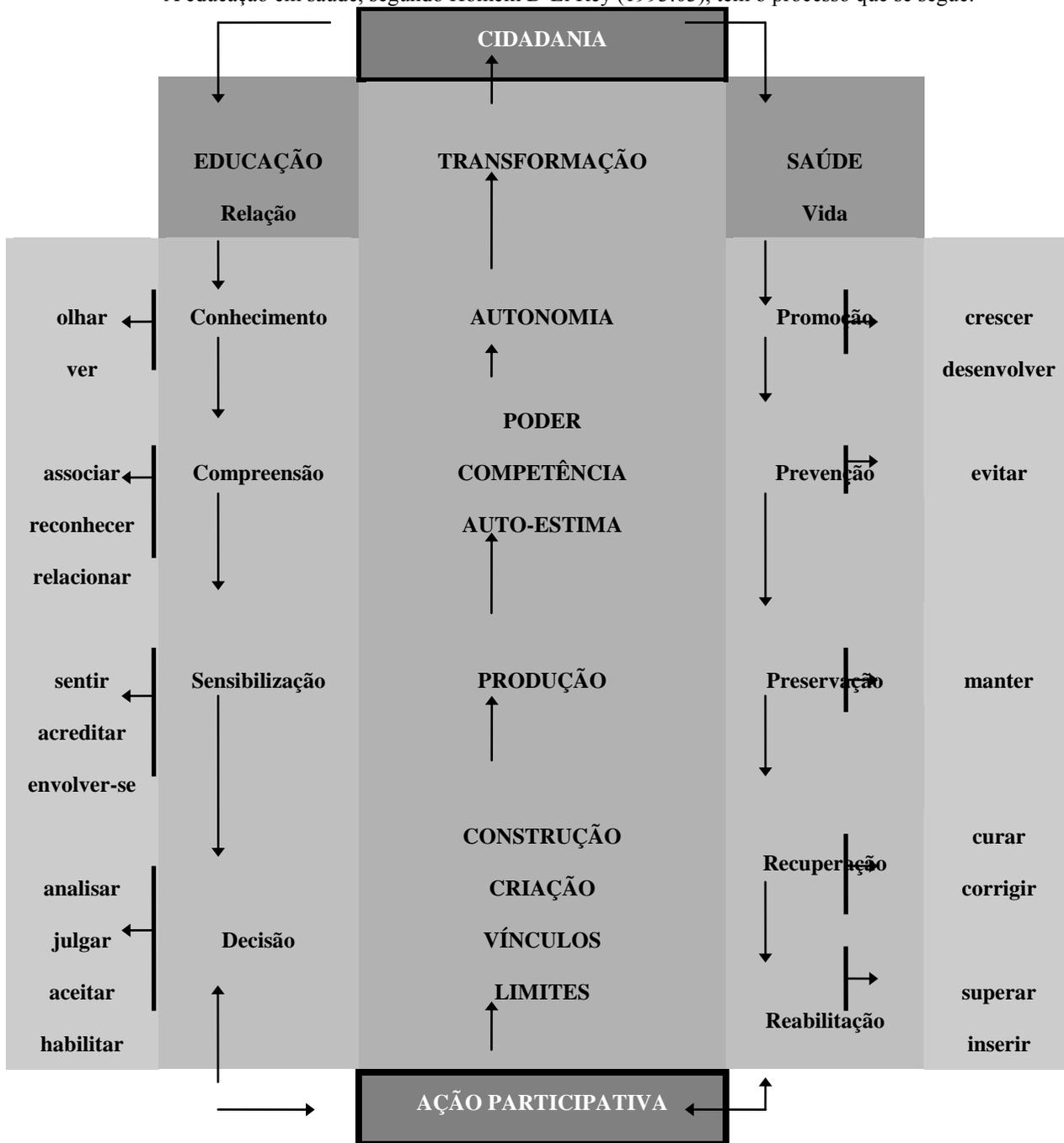
No entanto, também o monitor e os companheiros de oficina terão que visualizar que cada pessoa, individualmente tem seu tempo para descobrir-se no seu processo de cidadão. É possível que algumas pessoas, inclusive, cheguem ao final de uma série de encontros, com idas e vindas na sua realidade e não tenham tido ainda a condição para dar uma virada no seu modo de agir e de pensar.

“Uma pessoa não modifica seu comportamento imediatamente após tomar conhecimento de uma nova prática. A decisão final - adoção da inovação- é o resultado de uma série de influências que ocorrem através do tempo. (...) Nem todos os indivíduos adotam uma inovação ao mesmo tempo. O período de adoção, ou seja, o espaço de tempo que transcorre desde o contato inicial com a idéia até sua adoção, varia consideravelmente, de acordo com o indivíduo, sua situação e outros fatores como seus hábitos, valores e crenças.” (Rogers, 1982:02)

Um trabalho de educador requer que os aspectos globais e específicos sejam retomados constantemente, pois o ser cidadão não contenta-se somente com análises e intervenções locais, mas quer apreciar também as mudanças mais gerais da sociedade. Por outro lado, quer que suas ações sejam percebidas localmente, no seu grupo, como um resultado de melhoria da sua própria qualidade de vida. Queremos, como educadores, sobretudo, acompanhar os processos que estão ocorrendo não só a nível individual, mas as

intervenções que os educandos estão fazendo nos seus grupos e comunidades. “Un enfoque responsable de la educación para la salud debería incluir plane para (1) aumentar la concienciación de las personas fomentando el interés y la demanda, (2) mejorar la capacidad de los líderes comunitários y del personal del programa mediante una formación oportuna y adecuada, y (3) alentar la creación de alianzas y asociaciones con otros sectores y grupos organizados que pudieran contribuir a mejorar la salud.”(OMS, 1991:32) É nesta proposta também que as pessoas sentirão que estão avançando no seu próprio processo de tomada de consciência, não uma consciência abstrata, teórica, discursiva, mas uma consciência que move para novas práticas.

A educação em saúde, segundo Homem D’El Rey (1993:03), tem o processo que se segue:



Os cidadãos brasileiros, em particular os segmentos mais vulneráveis da sociedade, têm muita dificuldade de expressar-se não só nas reuniões formais, como na sua própria vida, sobre temas que não tem conhecimento. Raras são as pessoas que tem facilidade para assumir seus desconhecimentos e, com isso, propiciar uma verdadeira participação, na solicitação de informações sobre os assuntos que não dominam. Assim, o momento de discussão sobre o conceito/necessidades sociais, deve também transformar-se num exercício de novas práticas de cidadania.

Cabe neste espaço também uma discussão sobre a relação educador-educando no processo de construção do saber-agir coletivo. A primeira revolta contra o saber dominante criou uma outra forma de dominação. Foi a época da pedagogia dos oprimidos ou pedagogia popular, chamada por outros. Então tivemos uma fase que o saber acadêmico era tido como fonte somente de dominação. Neste sentido, tudo o que vinha da academia, das universidades era rechaçado em nome do saber do povo. Criou-se também, neste mesmo período uma idéia que estar a serviço do povo era *ser como o povo*. Se, na pedagogia foi assim, também o foi na saúde, onde iniciou-se a negação do papel do governo nas ações de saúde com a população. As ações de saúde tiveram fortes experiências com práticas alternativas, ou seja, iniciativas populares na atenção à saúde.

O saber popular e o saber científico, o poder popular e poder científico foi por muito tempo e, continua sendo em alguns grupos, um relacionamento de incompatibilidades, um choque de valores inconciliáveis. Na relação educador-educando, a predominância era que o sujeito era o povo e ao educador cabia cumprir o que o povo determinava. Havia uma negação total do saber do educador e da possibilidade de troca de saberes. Esta posição vinha para contrapor-se à pedagogia da transmissão tão propagada no Brasil, e até hoje bastante utilizada, onde *“o aluno é um livro em branco pronto para receber o que temos que ensinar.”*

Com a pedagogia dos oprimidos, que surgiu para contestar a pedagogia da transmissão, também daí surgiu uma forma para corrigir os desvios que aquele modo de pensar ocasionou, como a própria negação dos avanços científicos e tecnológicos da sociedade. Temos, então, hoje, que

“o processo educativo voltado para a melhoria das condições de vida das populações, não pode privilegiar só o conhecimento ‘erudito’ ou o ‘popular’, deve ser elemento de trabalho dialético dos dois saberes, que não se opõem, mas que, dependendo das intenções, podem ser incorporados com vistas à emancipação popular.” (Homem Del Rey, 1993:04)

O que tem avançado, como fundamentação de uma pedagogia problematizadora, é a possibilidade de nenhum saber ser mais importante que o outro. Mas reconhecer verdadeiramente que há saberes diferentes e óculos diferentes no olhar de uma mesma realidade. Assim, o educador não sabe nem mais e nem menos. Sabe diferente em diferentes situações e, o que lhe diferencia é a sua capacidade de usar técnicas que ajudem os grupos a enxergar a sua realidade em outros ângulos que não havia ainda experimentado. Por outro lado, é notório que detém mais informações e que estas precisam ser socializadas.

“Cabe aos educadores assumirem uma posição de compromisso enquanto profissionais e cidadão, de modo a estarem conscientes quanto à sua responsabilidade de contribuir com a sua prática pedagógica para ampliar as fronteiras emancipatórias do homem marginalizado.” (Idem)

Não pode mais o educador esconder-se sob as cortinas do saber erudito e distanciar-se dos educandos. Por outro lado, não pode também colocar-se como alguém que não tem nada a oferecer. Não é uma relação de homogeneidade, mas de troca, de questionamento, de complementariedade... Por que, também não dizer, de *cumplicidade*?

“A ação do agente especializado no grupo é interpretada como ‘intervenção’. Define-se a ‘intervenção’ como a ação dentro de uma organização social, por solicitação dela, com a finalidade de facilitar certas mudanças (Lapassade, 1971:65). A intervenção deste agente estrutura-se em três níveis:

- *a intervenção ao nível da análise. O educador deve evitar fazer interpretações pessoais sobre a atuação ou conduta dos alunos. Limitar-se-á reenviar ao grupo a imagem do seu funcionamento, clarificar as mensagens, explicitar os sentimentos, etc. Age como um 'monitor' do grupo;*
- *intervenção ao nível dos conteúdos. O educador pode - caso o grupo assim solicite - expressar as suas idéias, oferecer informações, fazer sínteses, clarificar conceitos, etc.;*
- *intervenção ao nível da organização. Por solicitação do grupo, poderá oferecer conselhos acerca da organização, ou propor modelos alternativos de funcionamento ”*

Esta forma de ser do educador que estamos propondo, requer não só conhecimentos bastantes apurados sobre os assuntos que cercam uma determinada discussão, mas sobretudo coragem de lançar-se em relações de conflitos permanentes entre situações prontas e a construir-se. Por outro lado, a coragem que se busca não é de estar pronto para defender-se do ataque adversário, mas fundamentalmente, a coragem da humildade de querer caminhar junto, no ritmo que o grupo tem condições de caminhar.

“Para nós não é surpresa que a liberdade da decisão consciente que tomamos acarrete muita ansiedade. Observamos ao nosso redor e vemos outras espécies funcionando totalmente do modo como nosso corpo funciona, despreocupados em saber se o que estão fazendo está certo ou errado, bom ou mau. Todavia estamos confusos com as mentes conscientes munidas de poder de escolha, que são um substituto experimental para o ‘saber evolucionário’ inato das demais espécies, e somos obrigados a usar essas mentes da melhor forma possível a fim de decidir como nos comportamos.” (Sahtouris, Elisabet: 1991:272)

Neste trabalho, por fim, é preciso que haja comunhão.: de idéias, de sonhos, de compromissos... Comunhão de fala, onde o saber erudito e o popular produzam um novo saber: mais forte, mais cidadão, mais vivo! Nesta missão estaríamos multiplicando os próprios educadores *“fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.”*(Rubem Alves, 1992:28)

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. O preparo do Educador, In Brandão, Carlos Rodrigues. O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro. Edições Graal. 10^a Edição, 1992.
- HOMEM DEL REY, Denise C.. Educação Ambiental: uma pedagogia dos desafios. Seminário Educação e Qualidade de Vida, GEA/UFRJ, Rj, 1993 (mimeo).
- _____. Planejamento da Ação Educativa em Saúde. Apostila 14p.
- _____.O componente Educativo da Ação de Saúde. Apostila 5p.
- MINAYO, M^a. C. S.; Souza, Helena O. Na dor do corpo, o grito da vida. In políticas públicas e Saúde. Vol II. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 1989.
- MORIN, Edgar. As grandes questões do nosso tempo. 3^a. Edição. Editorial Notícias, Portugal, 1981.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Como Afrontar los Desafios de la Salud Mundial – Documento de referência sobre la educación para la Salud, Ginebra, 1991
- ROGERS, E. M. Difusión of innovations. New York, The Free Press, 1969. Adap. De Denise César Homem Del Rey. Departamento de prática de Saúde Pública da USP, 1982.
- SAHTORIS, Elisabet. Gaia: do Caos ao Cosmo. São Paulo. Editora Interação, 1991.